

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARLI MARIA BUNICOSKI

**ESCULTURA EM PAPEL:
FAZENDO ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

MATINHOS
2013

MARLI MARIA BUNICOSKI

**ESCULTURA EM PAPEL:
FAZENDO ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Monografia apresentada como requisito para obtenção de graduação no Curso de Licenciatura em Arte, Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

Orientadora: Prof^a.Dr^a Lúcia Maria Gonçalves de Resende.

MATINHOS
2013

Dedico este trabalho a Deus pelos meus medos e ansiedades.

Aos meus pais, Alda e Waldemiro.

Aos meus filhos, Thaís e Anselmo.

Ao meu neto, Yasser.

Por todo amor, por quem sou e por tudo que alcancei.

AGRADECIMENTOS

Ao mestre Jesus, sem ele nada seria possível.

Aos mentores espirituais que me intuíram durante as pesquisas.

A minha família que, com carinho me apoiaram e incentivaram para que eu chegasse até aqui.

À professora Lúcia Maria Gonçalves de Resende, pela orientação, paciência, convívio, apoio, compreensão e principalmente por sua amizade.

A Amiga Cristiane Lessmann de Araújo, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas. Com você, as pausas entre um parágrafo e outro de produção melhora tudo o que tenho produzido na vida. Obrigado por divertir-se junto comigo.

Aos professores e colegas do curso tão importantes na minha vida acadêmica.

Eu estou sempre fazendo aquilo que não sou capaz, numa tentativa de assim aprender como fazê-lo.

Pablo Ruiz Picasso

RESUMO

A pesquisa utiliza estudos teóricos e minhas próprias experiências na escultura em papel. O interesse pelo tema, escultura em papel, ocorreu devido à constatação da ausência da aplicação de escultura nas aulas de Arte nas escolas públicas de Matinhos/PR, nas quais realizei estágios, durante o Curso de Licenciatura em Artes, na Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral. Esta monografia utiliza material de pesquisa sobre a história da escultura através do tempo, história do papel e as diferentes técnicas para a utilização do papel. A escultura em papel foi desenvolvida através de observações e pesquisas de artistas que trabalham com esse tipo de escultura. Por meio de um breve panorama histórico sobre a arte educação no Brasil, refleti sobre a trajetória da prática educacional na escola formal, a partir da LDB 9394/96 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de artes. São apresentadas algumas experiências, na tentativa de encontrar melhores formas de utilização da escultura em papel na sala de aula, propondo possibilidades de utilização de papéis encontrados com facilidade. Sendo o professor, um eterno pesquisador de metodologias que valorizem e enriqueçam as atividades em sala de aula, e a arte um processo criativo, a busca de alternativas vem ao encontro da pesquisa realizada com a escultura em papel.

Palavras-Chave: Escultura em Papel. Técnicas. Arte-educação.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FIGURA 1	VÊNUS DE WILLENDOFF	12
FIGURA 2	O HOMEM DO NARIS QUEBRADO	15
FIGURA 3	KIRIGAMI	25
FIGURA 4	BIRDS	27
FIGURA 5	ESCULTURA EM PAPEL	29
FIGURA 6	ANIMAIS	30
FIGURA 7	ESCULTURA EM PAPEL	31
FIGURA 8	MULHERES	32
FIGURA 9	RELEITURA MEGAN BRAIN	40
FIGURA 10	PASSO A PASSO ESCULTURA EM PAPEL	41
FIGURA 11	RESULTADO FINAL ESCULTURA EM PAPEL	42
FIGURA 12	EXPERIMENTAÇÃO DE PAPÉIS PARA ESCULTURA	43
FIGURA 13	PASSO A PASSO AFRICANA	44
FIGURA 14	HOMINÍDEOS	45

SUMÁRIO

	RESUMO	
1.	INTRODUÇÃO	9
2.	HISTÓRIA DA ESCULTURA	11
3.	HISTÓRIA DO PAPEL	17
3.1.	Tipos de papel	19
4..	DIFERENTES TÉCNICAS	21
4.1.	Papel machê	21
4.2	Colagem	21
4.3.	Decoupage	22
4.4.	Arte francesa	23
4.5.	Origami	23
5.	ESCULTURA EM PAPEL	26
5.1.	Leo Monahan	27
5.2.	Carlos Meira	29
5.3.	Calvin Nicholls	30
5.4.	Jeff Nishinaka	31
5.5.	Megam Brain	32
6.	ARTE EDUCAÇÃO NO BRASIL	34
7.	EXPERIMENTAÇÕES	38
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	49
	BIBLIOGRAFIA DE APOIO	52

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia refere-se ao trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Artes, da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral. Os primeiros contatos com o tema, escultura em papel aconteceram durante a realização de estágios supervisionados em escolas da rede pública do município de Matinhos, nos quais foram realizados diagnósticos e desenvolvidas vivências em arte na educação básica. A partir daí, encontrei a necessidade urgente de mudanças em relação ao uso da escultura nas aulas de arte, dando a ela a importância que essa linguagem artística recebe no cenário artístico educativo.

Percebi que a escultura em papel é pouco conhecida e constitui-se uma ótima ferramenta a ser trabalhada, porque o papel tem ótima versatilidade e variedade de tipos, incluindo o uso de papéis reciclados para a confecção de obras. Pensando na dificuldade de trabalhar com escultura em sala de aula, propus-me a realizar uma pesquisa que identificasse as reais possibilidades de se trabalhar com a escultura em papel, no âmbito educacional, mais especificamente na educação formal, utilizando a estética e a consciência artística.

A pesquisa da escultura em papel propriamente dita teve seu início com a arte japonesa do origami, técnica que foi a precursora do uso do papel em esculturas. Também foi objeto de pesquisa a utilização do papel machê, porque foi largamente utilizada para criar objetos. Seu aparecimento data de dois séculos antes de Cristo, daí a sua importância no contexto da pesquisa. O papel machê aparece nas obras do artista brasileiro Ubiratã Trindade e a maioria de suas obras são imagens femininas, utilizando papéis diversos para compor sua arte. Na utilização de materiais recicláveis encontrei a artista brasileira Dercy Miranda, que usa jornal e até filtro de papel nas suas esculturas de negras longilíneas, que se apresentam com lindas indumentárias feitas de guardanapos de papel, tecidos e outros materiais facilmente encontrados, o que torna viável seu uso nas aulas de arte nas escolas.

A colagem é uma técnica muito utilizada por artistas nesse tipo de escultura, proporcionando atividades simples, que podem dar às aulas de arte uma noção da utilização de diferentes materiais, sendo uma grande aliada no processo de criação em escolas básicas. A importância da pesquisa desta técnica, para as esculturas, é a utilização da colagem em superfícies planas e a sobreposição de camadas de

papel que vão lhe dar a tridimensionalidade necessária. A colagem vem facilitar, desta forma, a escassez de materiais disponíveis nas escolas públicas, proporcionando o uso de materiais diversos. A tridimensionalidade foi encontrada na arte francesa de decoupage, utilizando o processo de colagem de camadas de uma mesma figura para dar forma e volume às obras.

Descobri durante a pesquisa escultores que utilizam o papel para criar suas obras, recortando, dobrando, pintando, colando, boleando para formar figuras que parecem ganhar vida. Entre os artistas, detive-me em pesquisar Carlos Meira, ilustrador e artista brasileiro que me orientou quanto aos tipos de papel e as ferramentas a serem utilizadas na confecção dos meus experimentos. Também pesquisei Jeff Nishinaka, artista americano, que trabalha com a técnica de escultura em papel 3D, utilizando além de colagem e sobreposição de camadas de papel, a introdução de calços e de luz para dar mais volume as suas obras. Outra artista pesquisada foi Megan Brain, norte americana, que confecciona suas obras com a mesma proposta do artista brasileiro. O artista canadense Calvin Nicholls, cria esculturas fantásticas, na maioria animais, e o registro de suas peças é feito por meio de fotografias e digitalização para a impressão da arte.

No final desta monografia traço a trajetória na pesquisa da experimentação de diversas técnicas, o uso dos diferentes tipos de papel, feitas durante o processo e apresento algumas obras que foram criadas com o intuito de ilustrar as possibilidades do uso do papel e sua aplicabilidade nas aulas de arte nas escolas.

O trabalho apresenta um estudo da história da escultura e como a mesma surgiu, quais materiais vem sendo utilizados e quais técnicas são apresentadas. Contudo, cabe destacar que o aparecimento da escultura no Brasil é descrita de forma sucinta. Para abordar o tema, escultura em papel, realizei uma pesquisa sobre a história do papel e sua trajetória, os tipos de papel existentes no mercado, tamanhos, gramaturas, marcas e a indicação do seu uso até chegar, finalmente, ao contexto brasileiro.

2. HISTÓRIA DA ESCULTURA.

A escultura é a arte de representar as imagens em relevo total ou parcial. Sua principal característica é a tridimensionalidade. Para tanto, utiliza-se de materiais como o bronze, o mármore, a argila, a cera, a madeira, o papel e das seguintes técnicas: a cinzelagem, a fundição, moldagem e a colagem. Nas artes plásticas a escultura é considerada a terceira das artes, e baseia-se na imitação da natureza. (Barsa, 1992).

Ainda segundo a Barsa (1992), em dado momento da história, algumas palavras foram usadas para conceituar a arte, entre elas, magia, religião, beleza, desafio, educação, perfeição, realidade, protesto e imaginação. Os conceitos e ideias foram mudando e desde a pré-história vem delineando os movimentos da arte até nossos dias.

Segundo Janson (2001b), no período paleolítico o homem já esculpia, moldando animais e figuras humanas. Os homens das cavernas faziam uma relação mágica com a imagem, portanto nada decorativas, mas com a função específica de magia. O que era representado na escultura servia de garantia de que o fato representado se tornaria realidade. A Vênus de Willendorf, conhecida escultura-amuleto, pequena estatueta de um corpo feminino com seios fartos e ventre abundante simbolizava a fertilidade feminina. A imagem era a garantia de procriação.

Assim, a chamada Vênus de Willendorf, na Áustria, uma das muitas estatuetas femininas da fecundidade, tem as formas arredondadas e bulbosas de um “seixo sagrado”. O seu umbigo, que marca o centro do desenho, é uma cavidade natural da pedra. (JANSON, 2001b, p. 45).



FOTO 1 - VÊNUS DE WILLENDORF
FONTE: [HTTP://PT.WIKIPEDIA.ORG/WIKI/V%C3%A9nus_de_Willendorf](http://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%A9nus_de_Willendorf)

A escultura surgiu no Oriente Médio e era utilizada para copiar a realidade de forma artística. O corpo humano sempre foi o foco das esculturas embora se pudesse representar qualquer objeto através dela, os egípcios foram os grandes escultores em pedra.

A escultura grega passou por três períodos: arcaico, helênico e helenístico. A arte dos egípcios girava em torno do faraó, figura divina. A função da escultura era produzir estátuas representando o faraó para serem colocadas nos sarcófagos, em substituição ao corpo decomposto. Eram produzidas estátuas dos servos e escravos que serviam ao faraó para serem colocadas nas tumbas, porque eles acreditavam que os serviçais continuariam a servir ao seu dono. As esculturas egípcias eram estáticas e rígidas, porque produzidas com regras rígidas estabelecidas, não importando a beleza, mas a clareza de seu melhor ângulo.

Quando o império romano dominou a Grécia apoderou-se de suas terras, seus deuses e sua arte. A escultura romana recebeu a influência da arte grega, mas os romanos não eram apenas copistas, pois elaboravam e assimilavam suas fontes com maestria e deram importante contribuição à tradicional arte de esculpir. Utilizavam de perícia técnica e elevada expressividade na escultura decorativa dos grandes monumentos públicos, desenvolvendo um estilo narrativo e forte, mostrando o caráter puramente romano. Os gregos esculpiam corpos perfeitos e se

preocupavam com o movimento, diferente dos romanos que destacavam a expressão facial. Depois da consolidação do império, a escultura romana recebeu influências estrangeiras afastando-se gradativamente do cânone grego.

Ao vale do Indo é que são atribuídas às primeiras esculturas da Índia, são as esculturas mais antigas do mundo. Eram trabalhos em bronze e pedra. Com o hinduísmo e o budismo foram executados trabalhos elaborados em bronze. Estátuas feitas diretamente na pedra foram encontradas em muitos santuários. As esculturas começaram a representar passagens da vida e dos ensinamentos de Buda, embora ele não tenha sido antes representado em uma forma humana e sim por meio de símbolos no século II a.C. Podia-se perceber a influência artística persa e grega. A escultura da Índia influenciou, através do budismo, parte da Ásia, como Angkor e Camboja.

Datam do século X a.C. as esculturas chinesas e durante a Dinastia Zhou (1050-771 a.C.), foram produzidos vasos em bronze fundido. A Dinastia Han (220-206 a.C.) apresentou o exército de terracota de Xian, esculturas em tamanho natural de soldados, cavalos, bigas, carroções que ficavam no interior da tumba do imperador para defendê-lo durante toda eternidade.

Em 200 a.C, a China, Japão e Índia já trabalhavam a pedra, o jade, o marfim, o bronze e a argila. Recentemente temos a descoberta de um exército esculpido em terracota, onde cada um de seus soldados modelados é diferente um do outro. (MADURÉ, 2009, p. 13)

A influência budista aparece no período dos Três reinos (século III); Dinastia Wei (séculos V e VI) na escultura dos Gigantes grotescos, reconhecidas por suas qualidades e elegância. As esculturas budistas da dinastia Tang, considerada a idade do ouro da China, são consideradas tesouros da arte mundial e muitas eram monumentais.

A arte chinesa não apresenta nus, com exceção de pequenas estatuetas usadas por médicos tradicionais. Após a Dinastia Ming (após século XVII) as produções artísticas não foram mais consideradas boas pelos colecionadores e museus, porque a qualidade das peças caiu muito. No século passado o realismo socialista de origem soviética influenciou a ruína do que restava da arte chinesa.

O governo japonês patrocinava a confecção de estátuas, na sua maioria com alusão à religião. As esculturas do período Kofun eram chamadas Haniva e

esculpidas em argila colocadas sobre as tumbas. Na era Heian, foi esculpido um Buda em madeira com o corpo curvado coberto com um drapeado e uma expressão facial extremamente austera. Um novo estilo, mais realista foi criado na escola Key.

A idade média sofreu fragmentações com as constantes batalhas e invasões e em meio a esta desorganização aparece a igreja católica como uma agregadora, exercendo o papel de unificadora social. As autoridades eclesiásticas encontraram seu primeiro problema, a utilização de imagens e, temendo a associação com as religiões pagãs, raramente autorizavam a produção de imagens em esculturas. Aparecendo assim, a arte dos mosaicos, e o início da era iconográfica, ciência de contar e representar histórias através de figuras. Mas com o passar do tempo houve uma retomada da escultura perfeita, harmônica e com a expressividade grega, mas, com o objetivo de contar a história de Cristo.

São afrescos pintados principalmente nas catacumbas romanas onde os crentes se refugiavam. Não foram feitos por artistas eruditos (profissionais), e sim por cristãos que desejavam homenagear seus mártires ou ilustrar, simbolicamente, Cristo e passagens do velho Testamento que preconizavam o Novo Testamento. (D'AQUINO IN SZPALER, 2009, p. 16).

As cidades foram surgindo e junto com elas o comércio. As primeiras monarquias nacionais e o sistema feudal entram em declínio, o que faz aparecer uma nova classe social: a burguesia. O estudo da anatomia humana começa a se desenvolver em ateliers de artistas, como Andrea Del Verrochio e Michelângelo. A escultura atinge seu ápice sendo produzida com perfeição, equilíbrio, clareza e harmonia.

No século XIX a escultura se encontrava estagnada e era utilizada para a produção de monumentos públicos decorativos e estilo acadêmico. Neste cenário apareceu o artista Rodin com suas esculturas naturalistas, utilizando como modelos dançarinas, pessoas de sua família o que incomodava os críticos. O artista aliava o virtuosismo técnico com seu espírito inovador e simplista. Suas obras mostravam imagens distorcidas, deixando aparentes as marcas da textura da pedra ou metal. O aspecto inacabado de suas obras modificou a forma de pensar a escultura do século XX.

O que Rodin conseguiu realizar pode ser visto logo na primeira peça que tentou expor (e que foi rejeitada, como era de se esperar): *O Homem do Nariz Partido*, de 1864...Temos que supor que trabalhou assim por uma razão totalmente diferente; não para captar efeitos ópticos fugidios, mas para marcar o processo de "crescimento" – o milagre da matéria morta trazida à vida nas mãos do artista.(JANSOON, 2001a, p. 905)



FOTO 2: O HOMEM DO NARIZ QUEBRADO – 1864 – RODIN
FONTE: [HTTP://MOVIMENTOBRASILEIROSUNIDOS.BLOGSPOT.COM.BR/2011/07/E-PRECISO-TRAIR.HTML](http://MOVIMENTOBRASILEIROSUNIDOS.BLOGSPOT.COM.BR/2011/07/E-PRECISO-TRAIR.HTML)

No século XX aparece o anti-realismo com os movimentos de vanguarda, e a escultura sofre também esta influência e ganha formas com o artista romeno Constantin Brancusi, considerado o maior escultor modernista. Suas obras foram se modificando e ganhando menos detalhes até chegar a abstração total em sua obra "Pássaro no espaço" de 1927.

Após ser simplificada a escultura ganha movimento no futurismo. No pós-guerra, a escultura sofre modificações, novos materiais são utilizados, como a sucata de metal e aparecem novas técnicas como a solda. As formas também sofrem transformações com a produção artística de móveis e colagens. Os artistas Henry Moore que trabalhava com a observação da natureza e Alexander Calder com seus móveis são os grandes destaques desta época.

A escultura no Brasil acompanhou as tendências artísticas do ocidente, principalmente países europeus. A escultura apareceu em território brasileiro primeiro pela força religiosa, de modo tímido e amador. Com os avanços da civilização veio a ganhar vários adeptos, com mestres altamente qualificados,

expressando-se em estilo Barroco. Em paralelo desenvolveu-se a rica arte do entalhe em madeira, decorando estruturas arquitetônicas de igrejas, fontes, monumentos públicos, fachadas, ou mesmo objetos utilitários. O trabalho era corporativo, produzido de forma semiartesanal, anônimo e coletivo.

No início do século XIX houve um processo de transição. A transferência da família real portuguesa para o Brasil, fugindo de Napoleão Bonaparte, acabou levando o Brasil à independência de Portugal. Nesse cenário destacou-se a Missão Artística Francesa que introduziu a metodologia acadêmica às artes. A Escola Real de Ciências Artes e Ofícios é organizada e sistematiza o ensino superior de artes. O impacto de realidades tão distintas existentes entre os países europeus e o Brasil gerou disputas e prejudicou a expansão da arte de esculpir no país, por quase toda metade do século XIX.

Com Dom Pedro II, a Escola Real recebeu o nome de Academia Imperial de Belas Artes e houve a centralização dos avanços artísticos do país que se modernizavam, consolidando um sistema acadêmico com imitação de mestres consagrados e incorporando novidades estéticas. A escultura sempre apareceu em segundo plano porque a pintura era considerada a grande arte. No fim do século XIX a escultura se revigora, ampliando o número de artistas e aplicações da arte.

Com o aparecimento do Modernismo e a quantidade de tendências estéticas, o conceito de escultura baseado em moldagem e entalhe é absorvido e aparecem produções com tridimensionalidades, espacialidade e temporalidade. A diversidade de materiais e técnicas novas para a produção de esculturas e o aparecimento de artistas dedicados a esta arte faz com que a produção ganhe crescente reconhecimento internacional.

3. HISTÓRIA DO PAPEL

Segundo Chaffe (2011), desde os primórdios da humanidade os homens utilizam diversas formas de se expressar através da escrita. Os primeiros hominídeos utilizavam a pedra para registrar seus feitos. Os esquimós escreviam em ossos de baleias e dentes de foca, os chineses utilizavam cascos de tartaruga e conchas, os indianos as folhas de palmeiras.

Para Chaffe (2011), o pergaminho e o papiro, largamente utilizados pelos gregos, egípcios e romanos, é a matéria prima mais famosa e próxima do papel que temos referência. O papiro foi inventado pelos egípcios e mesmo sendo um material frágil, milhares de documentos escritos neste material foram preservados ao longo do tempo. O pergaminho material mais resistente era confeccionado com a pele de animal, sendo os mais utilizados: carneiro, bezerro ou cabra, mas o custo para sua fabricação era muito elevado. Os Maias e os Astecas utilizavam cascas de árvores, chamadas "tonalamatl", para registrarem estudos de matemática, astronomia e medicina.

Segundo Cavalcanti (2007), é do latim "papyrus", que se origina a palavra papel. Este vegetal é da família "Cepareas" (*Cyperus papyrus*). Os egípcios em 400 a.C utilizavam a medula e os caules do papiro para a escrita. Entretanto, o papel como é conhecido hoje foi inventado pelos chineses. No começo produziam a partir da seda e fibras de bambu.

Oficialmente a invenção do papel com fibras vegetais é atribuída a Cao Lun em 105 a.C., um oficial do tribunal chinês. No mesmo ano aparece a primeira fábrica de papel na China construída por Tsai Lun. Por cerca de 500 anos a técnica de fabricação de papel foi mantida em segredo. No século VII os japoneses tiveram acesso a técnica de fabricação de papel e em 770 produziram e publicaram em bloco batido com a técnica do carimbo, uma oração budista com 1.000.000 de exemplares.

Os europeus conheceram a tecnologia do fabrico de papel chinês depois que os árabes venceram os chineses em Samarcanda no ano de 751 depois de Cristo. Após aprenderem confeccionar o papel, os árabes começaram a fabricá-lo e usá-lo ainda de forma primitiva. Foram os árabes que disseminaram pela Espanha a fabricação do papel, depois da invasão pelos mouros da península Ibérica no século IX. O segredo da confecção do papel chegou à Europa quando os mouros perderam

o domínio territorial da Catalunha.

A fabricação do papel fora do mundo árabe e chinês começou na Itália em Fabriano, no ano de 1276 e, começou a substituir o papiro em 1348 na França, 1390 na Alemanha, 1494 na Inglaterra. Até o século XII a fabricação do papel era artesanal e em dezembro de 1778 o francês Louis-Nicolas Robert patenteou uma máquina capaz de fazer papéis com 12 a 15 metros e com cerca de 40 centímetros de largura. Na época ele trabalhava em uma fábrica cujo proprietário Didot comprou sua patente, mas não conseguiu viabilizar totalmente o invento. Seu cunhado roubou-lhe o desenho da máquina e na Inglaterra comercializou o invento. O inglês Henry de Fourdriner e seu irmão em 1803 aperfeiçoaram o invento para uma máquina de cilindro. Em 1840, pensando em baixar o custo, introduziram a trituração de madeira para a obtenção de uma polpa. Dez anos mais tarde utilizaram o primeiro processo químico para a produção, reduzindo ainda mais o custo.

O primeiro processo mecânico para obtenção de pasta de madeira aconteceu em 1844 e Frederic Gottlob Seller foi o responsável por este feito. Quem descobriu a celulose foi Meillier em 1852, mas quem patenteou a descoberta foi Tilghman.

O processo de fabricação de papel foi sendo aperfeiçoado ao longo da história, chegando aos nossos dias com máquinas capazes de fabricar 1000 metros de papel por segundo e por processos muito diferentes daqueles antes utilizados.

No Brasil a primeira fábrica de papel surgiu com a vinda da família real portuguesa, fundada entre 1808 e 1810 por Henrique Nunes Cardoso e Joaquim José da Silva. Em 1837, surge a indústria de André Gaillar e, em 1841, a de Zeferino Ferrez.

A revolução cultural do ocidente aconteceu a partir da fabricação do papel em rolos contínuos numa escala industrial. Por volta de 1860, com a fabricação de papel em rolos contínuos, os americanos e os ingleses inventaram os tabloides. Os livros, revistas e jornais surgiram a partir do aparecimento das fábricas de papel, democratizando assim a publicidade impressa generalizando a cultura, a ciência e a fé.

O processo para produção do papel começa na floresta em locais onde se encontram as espécies mais apropriadas para a obtenção da celulose, atualmente as empresas cultivam áreas de reflorestamento onde fazem a melhoria das espécies. A seguir acontece a captação da madeira, a árvore é cortada, descascada,

transportada para a fábrica onde é lavada e picada em cavacos de tamanhos definidos. Em um digestor os cavacos são misturados ao licor branco e cozidos a 160° centígrados, e resulta na fabricação de papéis escuros. Para obter o branqueamento da pasta marrom utiliza-se peróxido, dióxido de sódio, dióxido de cloro, ozônio e ácido, a cada adição de produto químico a pasta passa por uma lavagem que no final do processo origina uma polpa branqueada. Esta polpa é colocada para secar e é enfardada e se a fábrica não possuir máquina de papel ela é transportada para outra, onde será finalmente transformada em rolos de papel.

A máquina de papel seca e prensa a celulose até atingir a gramatura desejada. O resultado do cozimento é um licor negro. Os componentes químicos utilizados nesta etapa são recuperados e transformados em licor branco e este procedimento ameniza os impactos ambientais causados pelas fábricas de papel.

3.1. TIPOS DE PAPEL

Para as artes em geral a primeira coisa a se saber do papel é o seu tamanho e escolher o que melhor se encaixe no propósito da produção. Há os seguintes tamanhos padrões de papel:

A4– Tamanho: 21,0 x 29,7 cm; A3 – Tamanho: 29,7 x 42,0 cm; A2 – Tamanho: 42,0 x 59,4 cm; A1 – Tamanho: 59,4 x 84,0 cm; A0 – Tamanho: 84,0 x 118,8 cm.

Os tipos de papel, assim como a marca que os fabrica são importantes para o melhor resultado do trabalho. Alguns tipos de papel são fabricados por várias fábricas, mas alguns por uma única empresa e entre esses encontramos os papéis hammer, que é comercializado apenas pela marca Shoeller. O que define o papel é o tipo de fibra, a textura, a gramatura, o ph e a goma ou colagem.

O fabrico do papel pode ser através de polpa de fibras de algodão que produz papéis nobres, altamente duráveis ou de fibras de madeira que recebem tratamento químico para aumentar sua durabilidade.

O papel tem característica física e textura perceptível pelo tato. A escolha da textura define o impacto do trabalho dependendo da técnica escolhida para a confecção. Um tratamento utilizado na fabricação do papel é a colagem ou goma. Na colagem é adicionado algum tipo de resina ou cera que repele os líquidos. Pode-se utilizar também a colagem na massa ou superfície que evita que a água seja

rapidamente absorvida. Os trabalhos executados com este papel mantêm a mesma cor do começo ao final do trabalho.

Gramatura ou gramagem é a medida da grossura e densidade do papel e é expressa em gramas por metro quadrado (g/m^2). Quanto maior a gramatura, mais grosso é o papel e varia de 75, 90, 120, 180, 210, 240, 320 g/m^2 .

Outra característica encontrada nos papéis é o pH, que varia de 0 a 14, sendo considerado neutro o pH 7. A maioria dos papéis encontrados no comércio tem pH ácido, que acelera o amarelecimento e sua decomposição. Para os trabalhos artísticos os papéis mais indicados são os com pH neutro, por prolongarem a durabilidade das obras.

Os papéis mais comuns são:

- Sulfite (75 g/m^2) - São indicados para lápis comum HB ou 2B, rascunhos.
- Sulfite (90 e 120 g/m^2) - Iguais ao anterior suportam lápis de grafite mais macios como 4B e 6B.
- Opaline ou Westerprint (90 a 120 g/m^2) - Ótimo para lápis (grafite de todas as espessuras), canetas de base líquida e tintas de secagem rápida.
- Canson (diversas cores e gramaturas) – pintura em geral. Suporta bem tintas com base de água, secagem rápida a média. Indicados para aguadas, Ecoline, Aquarela, Acrílico, lápis de cor, pastel seco e crayon.
- Papel manteiga – Indicado para arquitetura entre outros. Papel semi-translúcido de superfície áspera utilizada para copiar um desenho ou esboço. Não é indicado o uso de caneta nanquim por ser áspero, gasta a ponta da caneta.
- Papel vegetal - Uso em arquitetura e cartografia. Papel semi-translúcido, que serve para se fazer arte-final sobre o rascunho, com a caneta nanquim, por exemplo. É possível fazer o desenho em um papel qualquer e terminá-lo no papel vegetal, o que elimina a mesa de luz.
- Schoeller – marca de papel alemã e faz suas próprias especificações para as diferenças de cada tipo de papel. São papéis mais caros, entretanto, os melhores para quase todas as técnicas e materiais. Suas características são: Hammer 1G / 1R (150 g/m^2)*; Hammer 3G / 3R (200 g/m^2)*; Hammer 4G / 4R (250 g/m^2)*; Hammer 6G / 6R (300 g/m^2); Hammer 4G Dick / 4R Dick (1.300 g/m^2): *G = papel liso e R = áspero.

4. DIFERENTES TÉCNICAS

Segundo Barrett in Bacarin (2005), um dos princípios que define o movimento arte-educação diz respeito ao conhecimento de teorias, técnicas, materiais recursos e instrumentos. Neste capítulo, apresento um breve estudo de técnicas utilizadas no processo de construção de esculturas em papel 3D.

4.1. PAPEL MACHÊ

Do francês “ papier mâché” é que se origina a palavra papel machê que significa papel amassado, picado esmagado. Para que a massa seja feita o papel deve ser embebido em água, coado e receber cola e gesso. A massa é perecível e deve ser utilizada de um dia para o outro, porém quando conservada dentro de pote fechado e em geladeira conserva-se por meses “Designação francesa da massa moldável de papelão pisado, misturado com cola ou farinha de trigo e alume, que se torna dura e resistente e é empregada em ornatos em relevo.” (BARSA, 1992, p. 418).

Na China, nas regiões da antiga Pérsia e Índia por volta de dois séculos antes de Cristo que a arte do papel machê se desenvolveu. A utilização do papel machê na França e depois na Inglaterra era para confecção de objetos decorativos. A massa era utilizada na confecção de máscaras para o carnaval de Veneza na Itália. Uma igreja foi construída na Noruega com a técnica, durou 37 anos e só desapareceu porque foi demolida. Encontramos várias receitas de papel machê algumas utilizam cola branca e vinagre para conservação outras farinha de trigo e há aquelas que seguem a receita utilizada pelos chineses.

4.2. COLAGEM

A colagem é outra técnica que utiliza o papel, madeira, tecidos e outros

objetos para a produção de obras de arte, é um procedimento antigo que no século XX, com o cubismo, conseguiu libertar os artistas do jugo da superfície. A utilização de um suporte para a pintura e a incorporação de objetos colados dificulta estabelecer fronteiras entre pintura e escultura. “Técnica que consiste em aplicar materiais diversos e heterogêneos, tais como recortes de jornal, fotografias, tecidos, papel de parede, madeira, metal, etc., sobre uma tela, em combinação com pintura, formando um quadro.” (BARSA, 1999, p. 392)

Uma das primeiras colagens da arte moderna é a obra de Georges Braque, fruteira e copo (1912). A partir desta obra, a técnica foi largamente utilizada em várias escolas e movimentos artísticos. Este novo recurso foi experimentado por Pablo Picasso que produziu uma série, utilizando papéis e desenhos à carvão. O primeiro da série foi copo e garrafa de Suze (1912).

As composições de colagem encontraram seguidores em todo mundo o que não significa uma unificação da técnica, cada artista encontrou uma forma distinta de interpretação e uso da colagem. Artistas ligados a Bauhaus empregaram a colagem de forma diferente no programa pedagógico. Henry Matisse pesquisa a exploração de cores quando utiliza papéis colados em suas obras. Artistas brasileiros utilizaram a técnica utilizando as possibilidades de relevos espaciais em suas obras entre eles: Hélio Oiticica e Lygia Clarck. (Site Enciclopédia Itaú Cultural, 2012)

4.3. DECOUPAGE

Decoupage é uma palavra originalmente francesa que significa arte de revestir com gravuras. As gravuras são recortadas e coladas em superfícies lisas e em qualquer objeto. “Arte de revestir com gravuras. A palavra de origem francesa *découpage* (existe controvérsia) significa recortar gravuras de papel e com estas revestir superfícies de objetos como madeira, metal, vidro e tecido.” (ALBANO, 2012, p. 1).

A origem da técnica data do século XVII, a burguesia italiana copiava a laca chinesa dos móveis dos nobres, passou ser conhecida também na França e

Inglaterra. A decoupage passou por dois períodos, na primeira os artistas utilizavam recortes de papéis comuns e tinham que utilizar verniz para a conservação. O segundo período apareceu com a maior utilização de guardanapos o que necessitou a utilização de colas especiais para a elaboração dos trabalhos. Atualmente existe no mercado uma variedade de papéis e guardanapos para serem utilizados na arte da decoupage.

4.4. ARTE FRANCESA

A arte francesa é confundida com a decoupage, esta técnica, porém, utiliza a sobreposição de gravuras que transforma uma superfície plana em outra com relevo e profundidade.

Na maioria das vezes são usadas seis cópias da mesma impressão (figura) e dependendo da riqueza de detalhes e do tamanho da figura até dez cópias. Há três camadas principais incluindo o fundo, meio e o primeiro plano com várias camadas intermediárias entre o fundo e o primeiro plano. (MARINA, 2011. p. 1).

Acredita-se que artistas franceses se apropriando da arte de decoupage empreenderam nova técnica utilizando pedaços de cortiça para dar volume às imagens planas. A partir daí surgiram as folhas de papel com desenhos específicos para a arte francesa, em que uma mesma figura é estampada várias vezes e após recortadas são coladas uma sobre a outra criando a tridimensionalidade. Esta técnica é conhecida também como *découpage* tridimensional. No Brasil, a arte francesa chegou da Europa já aprimorada e aperfeiçoada utilizando os materiais disponíveis no país.

4.5. ORIGAMI

Segundo Matos (2007, p.1), a origem do origami é incerta, mas acredita-se que sendo uma tradição popular japonesa foi transmitida oralmente por várias gerações, pensa-se que foi no século VII por influência chinesa que ela foi introduzida no país.

Origami significa dobrar (ori) papel (kami), geralmente o papel utilizado quadrado sem cortes e com cores diferentes em suas faces. Estas dobraduras, a princípio, eram usadas com fins religiosos, os primeiros origamis conhecidos foram criados por samurais no século XVII, na época eram só os homens adultos que praticavam a arte porque o papel era um material caro. Entre 1603 a 1867 as mulheres e crianças tiveram acesso a técnica que já tinha registro de mais de 70 formas de dobraduras diferentes. O origami tsuru (garça) é o mais conhecido e representa longevidade e a felicidade.

As escolas japonesas passaram a ensinar origami entre 1868 e 1912 e recebeu influência de outros países que conheciam a técnica. O papel do origami na educação é importante porque trabalha o cognitivo do aluno, explora conceitos geométricos, desenvolve a psicomotricidade e o senso espacial, desenvolve a criatividade, cria senso estético, desenvolve a paciência e percepção, determinação e perseverança considerados elementos conceituais importantes para o desenvolvimento do ser humano.

Existem vários tipos de origamis entre eles estão:

- Tradicional - utiliza folha de papel sem cortes e sem uso de cola;
- Modular – quando é montado a partir de vários pedaços;
- Kusudama – enfeite em forma de bola – kusu significa remédio e dama bola;
- Block folding – é a técnica de dobrar centenas de módulos em forma de triângulo para criar peças;
- Tessellation - funciona por meio de uma grade de linhas bases sendo essas grades figuras;
- Origami com o papel molhado, consiste em passar uma esponja úmida ou geométricas hexágonos, quadrados, triângulos, que formam figuras muito bonitas e interessantes em uma folha de papel;
- Wet folding - É uma técnica de fazer borrifar água em um origami pronto para poder fazer curvas no papel e criar modelos mais vivos. Utiliza papéis grossos que são mais resistentes e aguentam diversas dobras quando úmidos;
- Crease Pattern ou CP – consiste em dobrar o papel e formar padrão de dobras ou vincos;

- Paper Craft: construção de objetos tridimensionais a partir de papel, semelhante ao origami. Contudo, distingue-se em que a construção geralmente é feita com vários pedaços de papel, e esses pedaços são cortados com tesoura e fixados uns aos outros com cola, em vez de se suportarem individualmente;
- Oribana-junção de duas artes; a Ikebana, arte de arranjar as flores em estilo oriental e o Origami, a dobradura de papel. No Oribana tudo é confeccionado em papel: vasos, folhas e flores;
- Kirigami: Kirigami (Kiri=cortar + kami=papel), é uma variação do Origami, que em uma superfície de papel, ao receber cortes e dobras toma formas inesperadas. Esta arte, influenciada pelo Origami tradicional também é conhecida como POP-UP, 3D ou arquitetura em papel.



FOTO 3: KIRIGAMI.

FONTE: [HTTP://ORIGAMISAN.ORG/EN/367/ARCHITECTURAL-ORIGAMI](http://origamisan.org/en/367/architectural-origami)

5. ESCULTURA EM PAPEL.

O papel é um material usado corriqueiramente em quase tudo que fazemos, mas alguns artistas encontraram nele uma função artística, e o transformaram em esculturas admiráveis.

Diante da dificuldade em encontrar material que informasse como confeccionar esculturas em papel, entrei em contato por e-mail em 22 de setembro de 2012, com o artista Carlos Meira no qual informou que não há literatura sobre o assunto, no entanto colocou-se à disposição e explicou como confecciona suas obras.

Segundo Meira, para confeccionar as esculturas de papel, são necessários instrumentos específicos, além do papel, geralmente o “Mi Tients” da fábrica Canson, utiliza-se bisturi e tesoura de precisão, boleadores de vários tamanhos, estiletes número 11, pinças e bastão de metal. A sobreposição é que dá a tridimensionalidade, o volume pode ser incorporado à obra através de sombreamento com grafite e a fixação das peças recortadas do papel é feita com cola branca, as mais indicadas são da marca Schoth e Cascolar rótulo azul, conforme explicarei mais adiante. Alguns artistas utilizam aguadas de aquarela para dar colorido especial ao papel branco. Encontramos artistas que preferem trabalhar apenas com o papel branco e em exposições é comum que utilizem spots de luz para dar o sombreamento necessário.

Meira, em entrevista a revista *Ilustrar* (2010), relata que a técnica utilizada para a escultura de papel consiste basicamente em recortar, moldar e pintar elementos de papel que depois de montados minuciosamente em sobreposição, conferem o efeito tridimensional à obra. Segundo o mesmo artista, o precursor da arte de esculpir em papel foi o americano Leo Monahan. A maioria dos artistas que trabalham com esculturas em papel é autodidata. Cada artista desenvolve, inventa e cria sua própria técnica, dando às obras a sua identidade artística.

Segundo Vlady (2011), a escultura em papel é criada em todo mundo por artistas que se especializaram nesta técnica e a aplicam em diversos segmentos. Os trabalhos feitos com escultura em papel geralmente são utilizados em ilustração de livros, campanhas publicitárias, quadros decorativos entre outros. A confecção de uma escultura em papel leva muito tempo para ser feita, sendo que a profundidade,

a quantidade de elementos e os detalhes na obra, o que chama a atenção dos apreciadores.

Vlady é artista plástico, cenógrafo e aderecista formado pela Faculdade São Judas Tadeu e vitrinista, com formação pelo SENAC, sempre foi um estudioso no que diz respeito às tendências de uso e aplicações em papel. O artista teve a oportunidade de apresentar obras de escultura em papel, durante a 9ª Brasil Scrapbooking show na exposição Disney in Paper.

Por ser uma arte ainda pouco conhecida, existe a dificuldade de encontrar bibliografia, recorri a sites de artistas, revistas e blogs para contemplar minha pesquisa com informações sobre as esculturas em papel.

5.1. LEO MONAHAN



FOTO 4: BIRDS

FONTE: <http://www.leomonahan.com/>

Léo Monahan, Inspirado pela Bauhaus de design, bem como artes em papel japonês e chinês, cria obras-primas modernas com corte, dobra e texturização de papel de várias gramaturas, sobrepondo as peças na colagem dimensional. Monahan dá aos objetos de suas obras uma palpabilidade não encontrada em uma tela. As obras mais impressionantes são em branco no branco.

A maioria das obras de Monahan, incluindo as cozinhas, são prodígios de cor. A leveza de um objeto é muitas vezes quebrada pelo tom intenso. O uso de cores quentes cria harmonia com cores mais frias. Ele consegue muitas vezes efeitos interessantes, por exemplo, suas moscas da pesca maiores e mais coloridas do que o resto dos elementos parecem destinadas a atrair o olhar do apreciador para elas. Nos últimos anos, o artista também gostava de explorar o poder sensual e emocional de ferrugens e tons de terra, muitas vezes em imagens de sua infância no bairro de BlackHills, em Dakota do Sul.

Seus trabalhos têm aparecido em galerias na Califórnia e em todo o Sudoeste do Estados Unidos da América. Sua obra está agora na Galeria Grovewood em Asheville, Carolina do Norte. Suas peças estão em inúmeras coleções particulares e na Instituição Smithsonian. A Academia de Arte de Los Angeles realizou uma retrospectiva de 40 anos de suas composições. Nascido em 1933 no Black Hills de Dakota do Sul, Leo se formou no ensino médio, em junho de 1950.

Na Guerra da Coréia ele passou quatro anos na Marinha em operações no Extremo Oriente. Pouco depois de sua baixa da marinha, ele entrou no Chouinard Art Institute, onde, com exceção de seu primeiro semestre, ele se dedicou ao estudo de personagens da Disney. Foi o primeiro a receber a bolsa de estudos oferecida pela Walt Disney, e agraciado com o prêmio a cada ano de sua carreira universitária. Em 1960, ele começou sua carreira como designer gráfico, e criou sua primeira escultura profissional de papel, para a Liberty Records, para quem ele passou a fazer mais de 1200 capas de discos. Seu trabalho tem sido usado por vários clientes no mercado editorial, publicidade e promoção, e ainda é muito requisitado nestas áreas de ilustração.

Sua arte começou por volta de 1980, e em sua maior parte é baseada em suas memórias da vida como um menino ao pé do Monte Rushmore no Black Hills - uma vida povoada por garimpeiros, madeireiros, vaqueiros, agricultores e os Sioux . O trabalho é inteiramente simbólico dos elementos que estavam ao redor dele, em especial as plantas, animais e artefatos. Único em retratar essas imagens por meio de colagem de papel. Suas esculturas são uma mistura de impressionismo e surrealismo. Recebeu inúmeros prêmios e foi eleito por duas vezes presidente da Sociedade de Ilustradores de Los Angeles. Ele também é um participante há 35 anos do programa de arte documental da Força Aérea dos EUA, bem como

fundador do programa de arte documentário do Los Angeles County Sheriff. Atualmente reside na Carolina do Norte com sua esposa.

5.2. CARLOS MEIRA



FIGURA 5: ESCULTURA EM PAPEL
FONTE: WWW.CARLOSMEIRA.COM.BR/

Artista brasileiro que cria belíssimas esculturas em papel, utilizando apenas recortes, colagens e pinturas. Carioca, empresta a suas obras todo gingado da flora e folclore do nosso país. Nascido no Rio de Janeiro, Meira ingressou no curso de gravura da escola de Belas Artes da UFRJ, em 1982. Mais tarde, já com destaque na área de ilustração, participou de um importantíssimo evento em Nova York, em que havia exposição de profissionais brasileiros da área do design gráfico realizada no Art Director's Club.

Alguns anos depois, mudou-se para Portugal onde atuou como designer gráfico, organizando suas primeiras publicações com a técnica de escultura em papel. É autodidata e grande parte do seu trabalho foi desenvolvido pela observação de mestres como o americano Leo Monahan, pioneiro nessa modalidade.

Atualmente, o artista trabalha como designer gráfico. Diretor de arte em algumas agências de propaganda, tendo abraçado a ilustração e, principalmente, a escultura em papel como carro chefe de suas produções. Com seis exposições

realizadas e cinco livros ilustrados, Meira acumula em seu portfólio trabalhos para clientes como Intelbrás, Malwee, Marisol, Revista Veja, Nívea, Parmalat, Philips, dentre outras.

Ilustrador de grande prestígio foi o primeiro brasileiro escultor em papel encontrado durante a pesquisa. O contato com Meira ocorreu através de email, após algumas semanas de expectativa. Desde então, os contatos são frequentes. O artista é o grande colaborador da pesquisa, enviando a respeito dos materiais e papéis que são utilizados para a confecção das esculturas.

5.3. CALVIN NICHOLLS



FOTO 6: ANIMAIS
FONTE: WWW.CALVINNICHOLLS.COM/

Calvin Nicholls trabalha com esculturas de papel desde 1980, e durante este tempo criou peças para campanhas de publicidade, colecionadores, instituições, editoras de livros e galerias. Formado em design gráfico pela Universidade Sheridan, em Ontário, Canadá, trabalhou alguns anos como freelancer, antes de fazer sua gradual transição para a escultura de papel.

Desde 1986, o artista canadense Nicholls tem criado esculturas hiper-realistas, utilizando materiais e ferramentas simples como um lápis, folhas de papel, bisturi muito fino e um pouco de cola. Suas peças medem de 1 ½ metro de largura

por 2 metros de comprimento, levando entre 4 semanas a dois anos para serem concluídas. Apesar desta demora Calvin tem uma coleção de mais de 500 esculturas. Suas obras são inspiradas na natureza e vida selvagem, nas quais busca contato direto com este ambiente exuberante e natural.

Depois de trinta anos aperfeiçoando sua forma de arte, tem dominado as técnicas utilizadas no papel, para criar peças em relevo incrivelmente realistas, que recriam o mais ínfimo pormenor dos animais, que são observados diariamente. Usando uma câmera de grande formato captura a imagem e imprime, utilizando como um modelo e esculpe o contorno em papel.

5.4. JEFF NISHINAKA



FOTO 7: ESCULTURA EM PAPEL
FONTE: WWW.JEFFNISHINAKA.COM/

Jeff Nishinaka, americano de Los Angeles, é um dos primeiros escultores de papel do mundo. Sua carreira se estende por 28 anos. Formou-se na prestigiada faculdade de UCLA, no centro de arte de design, onde ele experimentou pela primeira vez a arte de escultura em papel. Especialista nesse tipo de escultura, ele dá uma nova vida à milenar arte do origami, utilizando-se, em especial, de papel branco e focos de luz para ressaltar as dobraduras. Esculpindo os mais variados

temas: cenas da natureza, anatomia humana, ícones da modernidade, tudo se transforma em arte nas mãos desse talentoso artista americano.

O portfólio comercial de Nishinaka inclui Bloomingdale, Galerias Lafayette, Sprint, o Hotel Península, Penn State University, Paramount Pictures e Coca Cola, entre outros. O ator Jackie Chan, que é um amigo próximo do artista, possui a maior coleção de obras de Nishinaka. Ele começou a trabalhar com papel quase por acidente. Sempre quis ser pintor, mas enquanto estudava ilustração no centro de arte, foram atribuições em um projeto gráfico na aula de desenho de moda, tendo que experimentar diferentes materiais, sendo um deles o papel. Dai em diante começou a experimentar diferentes papéis, encontrando maneiras de moldar, dobrar e girar as bordas sobre ele. Queria manipular papel da maneira menos invasiva possível para manter a integridade do mesmo. Segundo Nishinaka, papel é uma vida que respira que tem uma vida própria e ele apenas tenta redirecionar essa energia em algo que se apresente animado e vivo.

5.5. MEGAN BRAIN



FOTO 8: MULHERES
FONTE: WWW.MEGANBRAIN.COM/

Megan Brain, artista americana nascida no sul da Califórnia, viveu na Irlanda

e Holanda. Seu pai era artista de animação e grande incentivador da filha. Aos 13 anos participou do seu primeiro workshop de desenho, coordenado pelo amigo de seu pai, Corny Cole. A artista frequentou por alguns anos a faculdade da comunidade na qual vivia frequentando o curso de teatro. Depois de dois anos decidiu por frequentar o curso de artes visuais na faculdade de artes visuais de São Francisco. Durante o curso conheceu as esculturas de papel e desde então trabalha com esta técnica.

Segundo a artista, ela começa um projeto fazendo perguntas: o que pode ser exagerado, o que é o foco, vou fazer a peça parecer simétrico ou assimétrico, quero que ele tenha formas curvas ou formas angulares rígidas. Depois que começa a cortar e colocar as formas pode ver o que está trabalhando. Normalmente, nesta fase, aparecem mais idéias para a peça e é hora de explorar as opções antes de colar tudo. Ainda, segundo a artista, a real vantagem de escultura de papel é o quão flexível é, além da facilidade de adicionar ou subtrair da peça elementos, avaliando se a construção da escultura de papel cria vida dentro do contexto contemporâneo e sofisticado. Um dos objetivos da artista é ter um corpo diversificado de trabalho, explorando de forma consciente vários esquemas de cores de diversificados assuntos. Monahan foi seu professor em esculturas de papel. Megam trabalha frequentemente com ilustrações de moda.

6.0. ARTE-EDUCAÇÃO NO BRASIL.

Os Padres Jesuítas deram início ao ensino de arte no Brasil, com suas oficinas de artesãos. Utilizavam as técnicas artísticas para a catequização dos indígenas.

Segundo Barbosa (2002), a ação tradicionalista dos jesuítas, com sistema educacional organizado e missionário, fez com que o empreendimento no ensino fosse vigorosa. Os jesuítas estabeleceram a preferência pelos estudos literários na educação formal. As dicotomias idéia/fazer e Arte liberal/Arte servil ficam estabelecidas, sem mudanças significativas nas reformas posteriores. A cisão entre o erudito e o popular, aparece no Brasil no período colonial, espelhada na educação e no campo artístico. Ao longo do tempo vai existindo um relacionamento entre o erudito e popular e a idéia e o fazer, passando por reformulações, nas quais não são mantidas as raízes, resquícios dicotômicos e colonialistas.

Os jesuítas anti-reformistas, “restauradores do dogma e da autoridade”, inspirados pela filosofia escolástica, modelavam suas regras pedagógicas em contratações sucessivas da Paidéia, já deturpada desde a época romana, quando se transformou no único ensino, embora tivesse sido idealizada para funcionar como primeiros passos para novos estudos (BARBOSA, 2002, p 22)

O ensino formal das artes inicia-se em 1816, sob tutela da Missão Francesa, com a implantação da Academia Imperial de Belas Artes. Obedecendo a regras rígidas, o que se ensinava na academia era o exercício do desenho utilizando modelos vivos, estamperia e retratos. A academia era frequentada apenas pela elite. A formação de desenhistas era a principal característica do ensino das artes na década de 1870.

O Brasil passa por transformações sociais, políticas e econômicas com a Proclamação da República (1889), e a educação é utilizada como estratégia para a efetivação das mudanças. O ensino de arte utiliza o desenho como linguagem da técnica e da ciência, valorizadas como meio de redenção econômica do país e da classe obreira, que engrossara suas fileiras como recém-libertos. (BARBOSA, 2002).

O ensino de arte foi incluído no currículo escolar para apoiar outras disciplinas escolares, a partir dos anos 1920, porém ainda eram exercícios de cópia. O marco transformador do ensino de artes aconteceu na Semana de Arte Moderna em 1922, no qual Mário de Andrade e Anita Malfatti traziam o ideal de livre

expressão. Segundo Ana Mae Barbosa, “a grande renovação metodológica no campo da arte-Educação se deve ao movimento de Arte Moderna de 1922”, (BARBOSA, 1975, p. 44). Esse ideal preconizava que a arte não precisava ser ensinada e sim expressada livremente com a expressão dos sentimentos das crianças.

A ideia da livre-expressão, originada no expressionismo, levou a ideia de que a arte-educação tem como finalidade principal permitir que a criança expresse seu sentimento e à ideia de que a Arte não é ensinada, mas expressada. Esses novos conceitos, mais do que aos educadores entusiasmaram artistas e psicólogos, que foram os grandes divulgadores dessas correntes e, talvez por isso, promover experiências terapêuticas passou a ser considerada a maior missão da Arte na Educação (BARBOSA, 1975, p. 45).

Segundo Azevedo in Bacarin (2005), no Rio de Janeiro em 1948, a Escolinha de Arte do Brasil – EAB, foi fundada por, Augusto Rodrigues, Margaret Spencer e Lucia Valentim, transformado posteriormente no Movimento de Escolinhas de Arte – MEA, cuja proposta era educar através da arte. Este movimento deu origem a 140 escolinhas de arte espalhadas por todo o território nacional, instalando-se também nas cidades de Assunção/Paraguai, Lisboa/Portugal e Buenos Aires e Rosário/Argentina.

Somente em 1948, com a criação da Escolinha de Arte do Brasil, novos horizontes se abrem para novas concepções, e o objetivo mais difundido da Arte-Educação passou a ser, entre nós, o desenvolvimento da capacidade criadora em geral (BARBOSA, 1975, p. 46).

Na primeira metade do século XX, o desenho continua como conteúdo no currículo escolar, e aparecem ainda o canto orfeônico, a música e os trabalhos manuais, nos quais os conteúdos eram apenas reproduções, metodologia própria da pedagogia tradicional. O ensino de arte na escola, sob a denominação de educação artística, foi promulgada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 5692/71. As aulas eram ministradas por professores de outras disciplinas, sem o devido conhecimento exigido para tal. Por conta da falta de conteúdos as aulas de arte eram baseadas no fazer artístico, que relegou a disciplina um lugar de inferioridade diante das demais disciplinas. (PCN/Arte, 1998).

Na década de 1980, surgiram discussões sobre os rumos do sistema educacional brasileiro, aproveitando-se destas discussões os arte-educadores

ergueram luta política e epistemológica em prol do ensino de arte na escola. A conquista da obrigatoriedade do ensino de artes enquanto disciplina é conquistada com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei 9394/96, em seu artigo 22 afinal "O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos". (BRASIL, 1996, art.22 §2º).

Para tanto o Ministério da Educação e Cultura – (MEC) elabora e divulga os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997) e em sua introdução diz: "Arte tem uma função tão importante quanto à dos outros conhecimentos no processo de ensino aprendizagem. A área de Arte está relacionada com as demais áreas e tem suas especificidades." (BRASIL, 1996, p.19). A partir desta lei a disciplina de arte deixa de ser facultativa ou atividade educacional e torna-se parte integrante do currículo, estruturada com fundamentação teórica, encaminhamentos metodológicos e avaliação.

Os conteúdos de Arte (visuais, música, teatro e dança), são orientados pelo PCN, que tem como ponto principal a formação artística e estética do aluno. As orientações didáticas apresentadas no documento, não definem as modalidades artísticas de cada ciclo de ensino, que oferece condições para que as escolas definam seus projetos.

[...] os conteúdos da área de Arte devem estar relacionados de tal maneira que possam sedimentar a aprendizagem artística dos alunos do ensino fundamental. Tal aprendizagem diz respeito à possibilidade de os alunos desenvolverem um processo contínuo e cada vez mais complexo no domínio do conhecimento artístico e estético, seja no exercício do seu próprio processo criador, por meio das formas artísticas, seja no contato com obras de arte e com outras formas presentes nas culturas ou na natureza. (PCN/Arte, 1998. p.55).

Os eixos norteadores dos conteúdos de Arte são articulados pela tríade de Ana Mae Barbosa: produção (fazer artístico), fruição (apreciação) e a reflexão (contextualização).

A Proposta Triangular deriva de uma dupla triangulação. A primeira é de natureza epistemológica, ao designar aos componentes do ensino/aprendizagem por três ações mentalmente e sensorialmente básicas, quais sejam: criação (fazer artístico), leitura da obra de arte e contextualização. A segunda triangulação está na gênese da própria sistematização, originada em uma trílice influência, na deglutinação de três outras abordagens epistemológicas: as Escuelas al Aire Libre mexicanas, o

Critical Studies inglês e o Movimento de Apreciação Estética aliado ao DBAE (Discipline Based Art Education) americano (BARBOSA, 1998, p. 35).

Segundo Lúgia Bacarin (2005), ao longo do processo histórico o movimento de arte-educação foi permeado por intercruzamentos de concepções estéticas, filosóficas e pedagógicas, de práticas educativas, de visões do mundo e de convicções políticas, ou seja, uma teia de significados múltiplos.

7.0. EXPERIMENTAÇÕES

Na pesquisa empírica da escultura em papel, houve a necessidade de articular a escultura a reflexões sobre o trabalho escolar em artes, aprofundando e aperfeiçoando a confecção de obras em papel. Seguindo a proposta triangular de Ana Mae Barbosa, propus-me a fazer experimentos em papel, considerando a incursão nas escolas Municipais e Estaduais do Município de Matinhos – Paraná, durante o curso de Licenciatura em Artes na Universidade Federal do Paraná.

O conteúdo de artes nas escolas causou-me inquietações, e uma delas foi quanto aos critérios utilizados por arte-educadores na construção dos conceitos e conteúdos a serem trabalhados com os alunos. Percebi algumas fragilidades na prática docente, utilizando o trabalho com datas comemorativas e técnicas de colorir em desenhos previamente montados. Possíveis deficiências nos currículos de formação dos professores, o espaço arquitetônico escolar e a falta de material de apoio parecem não condizer com os pressupostos educacionais da contemporaneidade, estabelecidos por pesquisadores da área e apontados nos PCN de artes.

O estudo das artes nas escolas tem como finalidade promover o conhecimento da arte, fomentar a interação dos alunos ao fazer artístico, importante para a compreensão das teorias.

A didática do ensino de Arte manifesta-se em geral em duas tendências: uma que propõe exercícios de repetição ou a imitação mecânica de modelos prontos, outra que trata de atividades somente auto-estimulantes. Ambas favorecem tipos de aprendizagens distintas que deixam um legado empobrecido para o efetivo crescimento artístico do aluno. (PCN/Arte, 1998, p. 64).

Segundo Ferraz e Fusari (1999), os objetivos educacionais a serem alcançados na escola referem-se ao aperfeiçoamento de saberes, sobre o fazer e o pensar artísticos e estéticos, e a história dos mesmos.

Os conteúdos programáticos de artes devem incluir as quatro linguagens artísticas, e dentro das artes visuais necessitam trabalhar com as várias técnicas que ela apresenta. A escultura é pouco abordada nas aulas de artes, pela fragilidade estrutural, formativa e financeira.

A escultura é parte integrante das artes visuais e tem importância fundamental para o reconhecimento de aspectos tridimensionais. Na busca de técnicas que fomentem maior amplitude no crescimento criativo dos estudantes das escolas básicas concluí que uma das formas para superar as deficiências encontradas na realidade da escola pública, no que se refere à escultura, a melhor maneira de se trabalhar com escultura e seus conhecimentos inerentes é com o papel. A escultura em papel é uma das possibilidades do trabalho com arte que inclui produções artísticas de autores renomados e do próprio aluno.

Os conteúdos programáticos em arte devem incluir, portanto: as noções de respeito da arte produzida e em produção pela humanidade, inclusive nos dias de hoje (incluindo artistas, obras, espectadores, comunicação dos mesmos) e a própria autoria artística e estética de cada aluno (em formas visuais, sonoras, verbais, corporais, cênicas, audiovisuais). Isto significa trabalhar com os estudantes o fazer artístico (em desenho, pintura, gravura, moldagem, escultura, música, dança, teatro, vídeo etc. (FERRAZ E FUSARI, 1997, p. 20).

As técnicas e materiais utilizados para o desenvolvimento do processo de escultura em papel foram desenvolvidos de forma autodidata, numa experimentação empírica.

Na Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, reuniram-se oito discentes de cursos variados, no módulo Interações Culturais e Humanísticas, orientado pela Professora Doutora Lúcia Maria Gonçalves de Resende, no qual foi realizada a primeira experiência em escultura em papel.

No processo de ensino/aprendizagem não tínhamos conhecimento de materiais apropriados, apenas a visualização de obras realizadas neste processo via Internet. Contudo, “O homem elabora seu potencial criador através do trabalho” (OSTROWER, 1987, p.31), e a partir deste pensamento passamos para a elaboração de obra em papel. Passamos pela escolha dos materiais e foi utilizado papel dupla face, tesoura escolar, e cola escolar. Na construção da obra analisamos as obras do artista Jeff Nishinaka, e tentamos elaborar seus aspectos tridimensionais. No entanto, o resultado da obra não nos agradou, porque verificamos que não obtivemos o aspecto tridimensional, ficando a obra com aparência de colagem. A partir daí a procura de artistas que trabalhassem nesta técnica se intensificou e nessa busca encontrei a artista Megan Brain. Assim começaram as experimentações a partir das obras da artista.

Primeiramente foi feito um trabalho a partir de cópia das obras da artista, utilizando papel sulfite colorido, papel machê para dar volume na obra. Também foram introduzidos outros aspectos artísticos visuais, como a pintura a lápis no fundo, utilização da teoria de cores e formas de Kandinsky, e hibridação de materiais na composição, transpondo a utilização de papéis variados com tecidos e miçangas.

O resultado adquirido, demonstrado nas figuras a seguir, teve êxito, tanto no fator estético da obra, como na obtenção de várias propostas artísticas, necessárias para o ensino nas escolas.

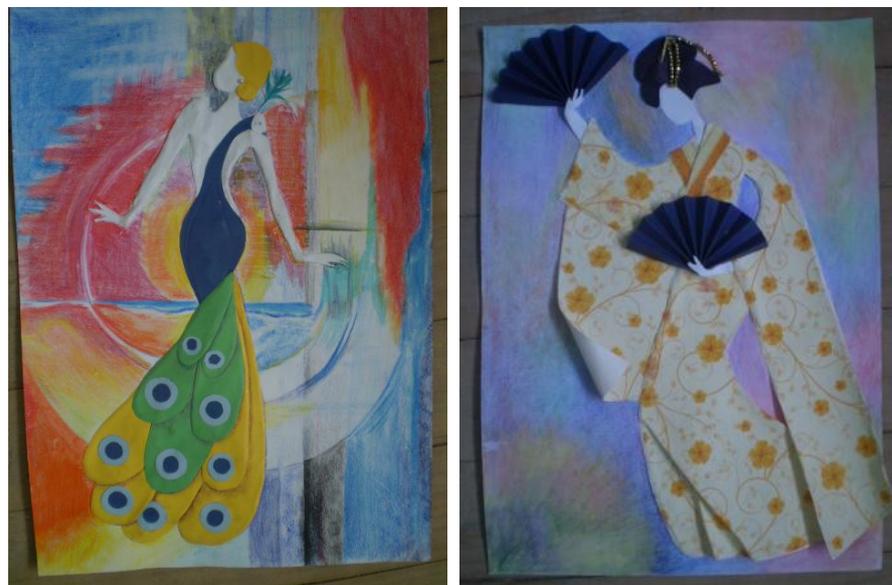


FIGURA:9. RELEITURA MEGAN BRAIN
 FONTE: AUTORA

No entanto, não cessou a procura da escultura no papel na forma que vem sendo difundida na contemporaneidade. "Imaginar o imaginar, imaginar as formas específicas em que se imagina" (OSTROWER, 1987, 35), a procura da ordenação física, na transformação da materialidade em simbologia a partir da materialidade, sem fugir de valores estéticos, e toda a inquietação na busca da tridimensionalidade, deixou aberto o caminho da pesquisa.

O único caminho aberto para nós seria conhecer bem uma dada materialidade no próprio fazer. Com este conhecimento e com a nossa sensibilidade tentaríamos acompanhar analogicamente o fazer de outros; sempre, é claro, por analogias de estrutura, e não de operações mecânicas (OSTROWER, 1987, 35).

Nesse caminho do processo de pesquisa encontrei as obras de Carlos Meira, e na analogia de suas obras, verifiquei aspectos artísticos constituídos para o ensino-aprendizagem das artes nos PCN.

A partir do momento do contato com Carlos Meira via internet, que me indicou o papel utilizado para a construção das esculturas, parti para a experimentação, primeiramente copiando obras. Nesse processo foram verificadas colas apropriadas para a construção das esculturas. Primeiramente, utilizei cola escolar e o resultado não foi bom, pois manchava o papel e não tinha eficácia, com isso, a procura de outra cola foi necessária, sendo assim, houve a pesquisa empírica deste material:

- Cola quente: no processo de cola quente, foi verificado que esta causava sujeira no papel e, também, necessita de habilidade e rapidez para este tipo de colagem.
- Super-bonder: Cola de contato, indicada pelo artista Meira, no entanto no processo de colagem, foi verificada a ocorrência de manchas no papel.
- Cola Branca Scotch 3M: Esta cola aderiu bem no papel, não causando manchas ou interferindo no processo escultórico.
- Cola Cascorez extra adesivo PVA: Esta cola também teve os resultados iguais aos da Cola Branca Scotch.

Com o encontro da cola e do papel específico para a escultura em papel, foram sendo construídas algumas obras para o desenvolvimento de habilidades e técnicas para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem. O resultado das obras foi satisfatório, e a evolução das habilidades e técnicas resultou em obras de boa qualidade.

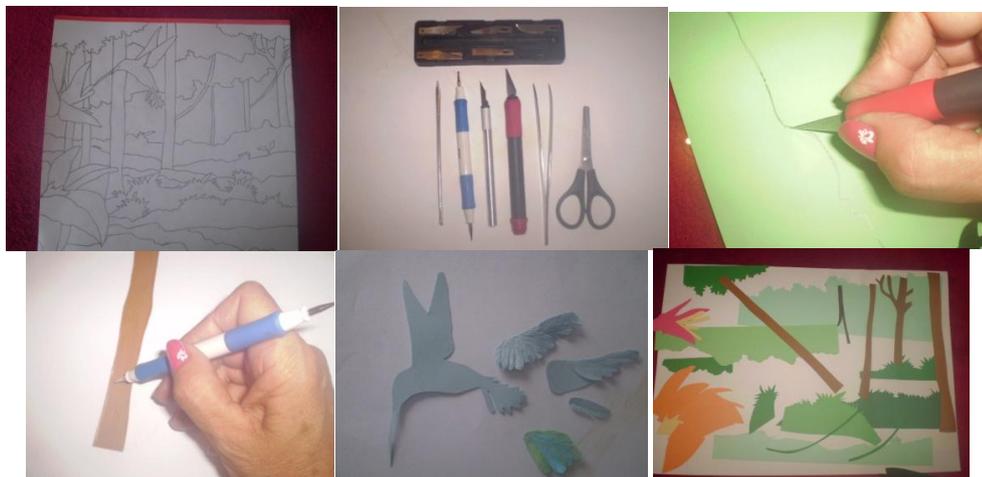


FIGURA 10: PASSO A PASSO ESCULTURA EM PAPEL

FONTE: A AUTORA



FIGURA 11: RESULTADO FINAL DA ESCULTURA EM PAPEL
FONTE: A AUTORA

A partir deste momento, parti para a experimentação da técnica de escultura em papel, utilizando uma imagem da obra de Tarsila do Amaral, O Abaporu, e confeccionei uma série da mesma obra, utilizando vários tipos e gramaturas de papel, encontrados com facilidade no mercado: sulfite A4, canson color plus, Mi tient e folhas de revista. Os referidos materiais foram pesquisados e utilizados pensando na aplicação da técnica para a sala de aula, confirmando, assim, a aplicabilidade do processo de execução, conforme demonstro nas gravuras a seguir. Desta forma, escolas sem maiores recursos podem perfeitamente desenvolver as esculturas em papel.



FIGURA 12: EXPERIMENTAÇÃO DE PAPEIS PARA ESCULTURA
 FONTE: A AUTORA

Em outro momento, durante a pesquisa, encontrei as negras longilíneas do artista Ubiratã Trindade. Contudo não encontrei biografia do artista, e tentei inúmeras vezes contato por internet, não recebendo resposta. As bonecas são feitas em papel ou com base em papel e seus derivados e também tecidos. A temática tem referência nas regiões afro-brasileiras e nas manifestações folclóricas do nordeste, exaltando a miscigenação da nossa cultura. Essa atividade pode enriquecer a articulação entre as atividades de artes e conteúdos trabalhados na abordagem da cultura afro. A técnica utilizada por este artista é o papel machê. Encontrei um vídeo no youtube (2010), postado por Dercy Miranda, no qual um artista plástico faz esculturas de negras africanas, utilizando canudinhos de jornal, palito de madeira, filtro de papel para coar café e caixas de papelão.

Como o objetivo da pesquisa era encontrar materiais que pudessem ser utilizados em esculturas em sala de aula, identifiquei que o papel machê tem um custo elevado, além de necessitar de espaço para confeccionar e acondicionar até sua secagem. Sendo essa realidade difícil nas escolas públicas, parti para a experimentação e construção de negras africanas utilizando outra técnica. Para dar uma característica diferenciada e colocar uma identidade pessoal às obras, passei a fazer as indumentárias utilizando guardanapos de papel.

O processo de pesquisa e experimentação de materiais foi resultado da inquietação pela busca de processos que atendessem as reais condições para desenvolver a escultura na escola, com criatividade e autonomia. Segundo Ostrower (1977, p.26), “Em cada função criativa sedimentam-se certas possibilidades; ao se discriminarem, concretizam-se. As possibilidades, virtualidades talvez, se tornem reais”. O resultado da experiência escultórica foi além de minhas expectativas, proporcionando obras com contextualização e abrangendo hibridação de materiais. As obras foram criadas e executadas com baixo custo, apresentando facilidade na metodologia, mostrando-se assim viável na arte-educação e na realidade concreta da escola pública. A seguir, a peça que demonstra o experimento.



FIGURA 13: PASSO A PASSO AFRICANA
FONTE: A AUTORA

Destaco ainda, a participação como bolsista no Laboratório Móvel de Educação Científica da UFPR Litoral, no qual tive a oportunidade de desenvolver em conjunto com a bolsista Cristiane Lessmann de Araújo, um trabalho com escultura em papel, para exposição, cujo tema foi “O maior espetáculo da terra - a evolução”., no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR. As esculturas foram confeccionadas em papel Mi Tient, branco e folha A3,. São figuras de hominídeos, nos quais foram utilizados o papel com sombreamento em grafite, conforme figuras a seguir.



FIGURA 14: HOMINIDEOS

Exposição: "O maior espetáculo da terra - a evolução" do Laboratório Móvel de Educação Científica – UFPR Litoral

Exposto no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR – Maio a outubro de 2013

FONTE: MARLI MARIA BUNICOSKI E CRISTIANE LESSMANN DE ARAÚJO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu analisar a trajetória histórica da escultura, desde seu aparecimento no período paleolítico, o processo de distribuição das técnicas nos meios artísticos no mundo, possibilitando permear intercruzamentos de concepções de estéticas, de religiosidade, de política e práticas educativas. Também tratou de analisar a história do papel desde sua origem e evolução, até a forma conhecida nos dias de hoje. Os papéis foram recebendo nomenclaturas de acordo com suas características de gramatura e textura, com o surgimento de indústrias e maquinários que popularizaram seu uso.

Na pesquisa foram explicitadas as diferentes técnicas de utilização do papel nas obras de arte:

- o papel machê que aparece nas obras do artista brasileiro Ubiratã Trindade;
- a colagem, técnica muito utilizada por artistas, sendo uma grande aliada no processo de criação em escola;
- a tridimensionalidade foi encontrada na arte francesa de decoupage, que dá forma e volume às obras;
- a arte japonesa do origami, técnica precursora do uso do papel em esculturas.

No processo de pesquisa e com as inquietações inerentes ao ser humano, a escultura em papel ganhou novas técnicas, e nova reformulação, mesmo sem perder as formulações precursoras. Esta técnica como foco principal da pesquisa desenvolvida no trabalho, possibilitou a reflexão de obras de artistas da contemporaneidade, utilizando-se da biografia e obra de Léo Monaham, precursor desta arte.

Foram várias as contribuições, as quais enfatizo a seguir:

- Carlos Meira, contato que informou método e materiais utilizados na escultura em papel.
- Calvin Nicholls, fonte inspiradora de trabalhos realizados pela autora, Jeff Nishinaka, primeiro artista encontrado durante as pesquisas, instigando a aprendizagem da técnica,
- Megan Brain, que através de suas obras, surgiram as primeiras experimentações,
- Ubiratã Trindade, artista que proporcionou a visualização da delicadeza e contextualização unidas em uma obra, cuja simplicidade atrai o espectador,

- Leo, que inspirado em Trindade desenvolveu técnica de confecção da obra com materiais recicláveis.

A união dos diversos artistas trouxe um rico repertório para o desenvolvimento do potencial criador. Segundo Ostrower (1987, p. 26) “Quando se configura algo e se o define, surgem novas alternativas. Essa visão nos permite entender que o processo de criar incorpora um princípio dialético.”

Na pesquisa foi explicada a história da educação pela arte a partir da sua constituição em espaços não escolares, recebendo influências de princípios europeus e norte-americanos e, seu avanço até sua inclusão como área de conhecimento obrigatória, com a promulgação das Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em 1996, com a denominação de ensino de arte. Com a lei nº 5.692/71, a arte foi incluída no currículo escolar, propondo a tecnicidade e profissionalização. Em contrapartida a Educação artística tinha sua concepção fundamentada mais na humanidade. A obrigatoriedade do ensino de artes, como disciplina, foi conquistada com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com a Lei nº 9394/96.

A arte-educação no Brasil obteve grande renovação com o movimento de Arte Moderna de 1922, que preconizava que a arte não precisava ser ensinada, mas expressa livremente, utilizando a criatividade e sensibilidade do ser humano. Segundo Ostrower (1987, p.27), “O potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente do homem, e se faz presente nos múltiplos caminhos em que o homem procura captar e configurar as realidades da vida”.

Portanto, a abordagem histórica do movimento arte-educação e o ensino de arte a partir de uma contextualização e sua inserção dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais resgatam a importância da arte dentro da autoconstrução na e pela práxis, para consigo mesmo e com o outro, no qual o processo dialético de criação/construção/superação dentro de condições sociais e históricas. (BACARIN, 2005).

Concluo, destacando que a escola tem um papel importante na formação do aluno, pois amplia seus conhecimentos, sedimenta valores e é de fundamental importância no enriquecimento cultural. A escultura é uma manifestação artística e, como tal, deve integrar o conhecimento em arte, aguçando a percepção do aluno, tornando-o mais sensível diante da criação.

Pensando no aspecto artístico-pedagógico da escultura, principalmente em papel, material facilmente encontrado, o projeto com escultura em papel pode ser

desenvolvido nas escolas da rede pública, com o intuito de liberar o potencial criador e desvincular das aulas de artes o pensamento de utilizar em artes visuais, apenas desenhos pré-impressos, cópias e textos. Segundo Tonon (2006), o papel já existe por si só, exalando a sutileza da arte, ele é a possibilidade da expressão como um todo. Trata-se, portanto, de temática que merece investigações e o interesse dos profissionais que destacam a arte como uma das mais relevantes formas de linguagem.

REFERÊNCIAS

ARTE FRANCESA

Disponível em <<http://artedaninamarina.blogspot.com.br/2011/05/um-pouquinho-da-historia-da-arte.html>>, Nina Marina, 2011.

BACARIN, L. M. B. PEREIRA, **O movimento de Arte-Educação e o Ensino de Arte no Brasil: História e Política**, Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração: Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá, 2005

BARBOSA, A. M. **Arte- Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva Editora, 5ª ed., 2002.

_____. (Org.) **Arte-Educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Teoria e prática da Educação Artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. **Tópicos E Utópicos**. Belo horizonte: c/arte. 1998.

BIOGRAFIA de Calvin Nicholls: detalhes da vida do artista. Disponível em:<www.calvinnicholls.com/>. Acesso em: 13/06/2013.

BIOGRAFIA de Carlos Meira: detalhes da vida do artista. Disponível em:<<http://www.carlosmeira.com.br/>>. Acesso em: 13/06/2013.

BIOGRAFIA de Leo Monahan: detalhes da vida do artista. Disponível em: <<http://www.leomonahan.com/>>. Acesso em: 13/06/2013.

BIOGRAFIA de Megan Brain: detalhes da vida do artista. Disponível em:<<http://megan-brain-interview.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13/06/2013.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Documento Introdutório. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Arte-Educação no Brasil**: São Paulo: Perspectiva, 2008.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Documento Introdutório. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (1º e 2º ciclo)**. Brasília: MEC/SEF,1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (área de Arte)**. Brasília: MEC/SEF,1998.

CAFERRO, A.O., **A Contribuição das Aulas de Arte no Processo Educativo e no Contexto Social dos Educandos na Escola Estadual Emílio de Menezes**, trabalho de Graduação (Licenciatura em artes) - Faculdade Integrada da Grande Fortaleza – FGF, Japurá-PR 2011.

Carlos Meira. Disponível em: <<http://ideiailustra.wordpress.com/>>. Acesso em 08/04/2012.

COLAGEM IN: ENCICLOPÉDIA Barsa. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Brittanica, 1992. V. 5, p. 392.

COLAGEM. Disponível em: <(http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=369 >, 2012. Acesso em 30/10/2012

DECOUPAGE. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/102039773/Decoupage>> Silvie Guedes Albano. 2012. Acesso em 10/08/2012

ESCULTURA. IN: ENCICLOPÉDIA Barsa. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Brittanica, 1992. V.1, p. 418; V. 4, p. 369-373; v. 6, p. 82; v. 7, 74-83; v. 13, p. 474-475

ESCULTURA. Disponível em: <http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/escultura/cutileiro/escu.html> José Cutilero. Acesso em: 15/06/2012.

ESCULTURAS AFRICANAS. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=3sZGJJr-vUU> Dercy Miranda. Acesso em 08/05/2012.

ESCULTURA EM PAPEL. Disponível em: < <http://vilamulher.terra.com.br/paper-sculpture-17-1-7886461-34.html>>. Vlady, 2011. Acesso em 13/06/2012

FUSARI, M. F. de Resende; FERRAZ, M. H. C. T. **Metodologia do ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1999

HISTÓRIA DO PAPEL: Disponível em: <passiweb, 2011 história do papel do papel> Prof. Laureano Ibrahim Chaffe. Acesso em 10/08/2012

HISTÓRIA DO PAPEL. Disponível em: <<http://www.apoema.com.br/pape1.htm>>. Marta Cavalcanti (2007). Acesso em 08/06/2012.

JANSON, H. W., **História geral da Arte: O Mundo Moderno**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.a

_____ **História geral da Arte: O Mundo Antigo e a Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.b

MADURÉ, R. D. B., **Linguagem da Escultura em Sala de Aula**, Trabalho de Graduação, (Licenciatura em Artes Visuais) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma, 2009.

ORIGAMI. Disponível em < <http://www.ferrazorigami.com.br/?p=70>>. Karla Matos, 2007. Acesso em: 17/03/2012.

OSTROWER, F., **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis, Vozes, 1997

_____ **Universos da Arte**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2004.

SZPALER, E. DE J. H., **As artes Visuais e a Educação**, Monografia apresentada à coordenação do Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação – ESAP - Faculdade Iguazu, como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Arte e Educação. Ivaiporã, 2009.

TONON, B. E., **A Construção da Cultura através do Papel Artesanal**, criciúma, 2006. Monografia apresentada ao curso de Especialização Latu-sensu do Ensino da Arte da Universidade do Extremo Sul Catarinense, como requisito parcial para obtenção do título de Especialização em Arte.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

- ARTE FRANCESA, Disponível
<euamobiscuit.com.br artefrancesa.wordpress.com>. Acesso em 10/08/2012.
- BARBOSA, A. M. **Arte-Educação: conflitos/acertos**. São Paulo: Max Limonad. 1988.
- _____. **Ensino da Arte em Foco**. Santa Catarina: USSC, 1990.
- _____. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva Editora, 2005.
- CANCLINI, N. **Socialização da Arte: teoria e prática na América Latina**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- COLAGEM. Disponível em: <(http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=369 >. Acesso em 30/10/2012
- COLAGEM, Disponível em: < http://www.infoescola.com/artes/colagem/> Gabriella Porto. Acesso em 10/07/2012.
- DECOUPAGE. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/52627030/DECOUPAGE-Passo-a-Passo-Para-Iniciantes> Gabriela. Acesso em 10/08/2012.
- ECO, U. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- GUERSON, Milena, Ana Mae Barbosa e Luigi Pareyson – **Um Diálogo em prol de “Re-Significações” sobre Ensino/Aprendizagem de Artes Visuais, “Existência e Arte”** - Revista Eletrônica do Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei – Ano V – Número V – Janeiro a Dezembro de 2010.
- HISTÓRIA DA ESCULTURA. Disponível em:
em: <http://blogillustratus.blogspot.com.br/2010/04/escultura-breve-historia.html >. Rosa Maria. Acesso em 12/06/2013.
- Escultura no Brasil. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escultura_do_Brasil - 10-06-20013 - 13.13> Matheus Faria. Acesso em 06/04/2012.
- HISTÓRIA DO PAPEL, Disponível em http://www.bracelpa.org.br/bra2/?q=node/170
Acesso em: 08/06/2012.
- GOMBRICH. E. H. **A História da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 1998.
- ORIGEM DO PAPEL: Disponível
em: <http://bitacoradepapel.blogspot.com/2006/09/origen-del-papel.html.>. Mari Carmen . Acesso em 08/07/2012

OSTROWER, F., **Acasos e Criação Artística**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

PAPEL MACHÊ. Disponível em: <http://www.recompondopapel.com.br/historia.htm>.
Marlise Niero de Souza . Acesso em: 17/03/2012.

PAPEL MACHÊ, Disponível em:< wikipedia.org/wiki/Papel_machê> Nice Poa 2006
Acesso em: 17/03/2012 .

PAREYSON, L. **Os Problemas da Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

TIPOS DE PAPEL. Disponível em:<<http://desenhologoexist-orkut.blogspot.com.br/2011/05/tipos-de-papeis.html> 01-05> Acesso em: 15/03/2012